

Era uma vez...

Charles Perrault, escritor, músico e advogado, nasceu em 1628 e morreu em 1703 em Paris, França. Apesar de ter desenvolvido grande atividade política e ter sido assistente do primeiro-ministro Colbert, foi como autor de contos de fadas que entrou para a história.

Nesse momento, em que o Brasil festeja a França, a Superintendência de Bibliotecas Públicas, unidade da Secretaria de Estado de Cultura, apresenta aos seus leitores, sejam eles os da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa ou as quase novecentas bibliotecas públicas municipais que fazem de Minas Gerais um Estado leitor, a exposição literária

Era uma vez ... Charles Perrault.

Os contos de fadas são histórias a partir das quais começamos a construir nossa história de leitores. Charles Perrault imortalizou, através da escrita, contos populares orais que retratam os sonhos, os anseios e os medos de todos os seres humanos, sejam eles crianças ou adultos, dos quatro cantos do mundo. Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, Cinderela, Pele de Asno, O Pequeno Polegar, A Bela Adormecida do Bosque, Barba Azul e Riquet, o Topetudo fazem parte do imaginário de todos nós e guiam nossos primeiros passos na percepção do bem e do mal.

Essa mostra não tem a pretensão de ser um estudo histórico e acadêmico sobre a vida e a obra do escritor, mas sim o objetivo de despertar, através de excertos dos contos e de belas ilustrações, o desejo de ler essas narrativas tão marcadas pela oralidade. E é pela certeza de que a melhor forma de se incentivar a leitura é expor o texto ao leitor e por acreditar que é na infância que se constrói de forma mais eficaz os bens de leitura, que a Superintendência de Bibliotecas Públicas, hoje oferece os contos de Perrault.



Chapeuzinho Vermelho



"O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se sob os cobertores:

"Ponha o bolo e o potezinho de manteiga sobre a arca e venha deitar aqui comigo!"

Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como o avô estava esquisito em seu traje de dormir. Disse então:

"Vovô, como são grandes os seus braços!"
"É para melhor te abraçar, minha filha!"

"Vovô, como são grandes as suas pernas!"
"É para poder comer melhor, minha netinha!"

"Vovô, como são grandes as suas orelhas!"
"É para ouvir melhor, netinha!"

"Vovô, como são grandes os seus olhos!"
"É para ver melhor, netinha!"

"Vovô, como são grandes os seus dentes!"
"É para te comer!"

E assim dizendo, o malvado lobo atirou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu."

ILUSTRAÇÃO: CARLOS CASTRO / ILUSTRACIONES E CARLOS CASTRO / ILUSTRACIONES

Chapeuzinho Vermelho



CHAPEUZINHO VERMELHO conta a história de uma menina que, ao atravessar a floresta para levar bolo, biscoitos e frutas para sua avó que está doente, encontra um lobo. Apesar dos avisos de sua mãe em relação ao perigoso animal, Chapeuzinho Vermelho deixa-se levar pela conversa do lobo, que acaba devorando a menina e sua avó.

ILUSTRAÇÃO: BIANCA BIANCHI

Cinderela



CINDERELA conta a história da filha de um fidalgo que faleceu quando ela ainda era muito jovem. Foi então criada por sua madrasta malvada que junto de suas duas filhas transformaram-na em uma servçal. Um dia, o rei anunciou que todos os moços do reino estavam convidados para um baile no qual o belo príncipe escolheria sua futura esposa. As filhas da madrasta se amuraram para ir ao baile e disseram a Cinderela que ela não poderia ir porque não tinha um vestido adequado, o que a deixou muito triste. Mas assim que a madrasta e as perversas irmãs saíram para o baile, a fada-madrinha de Cinderela, usando sua varinha mágica, providenciou carruagem, cavalos, cocheiro e um lindo vestido para que a menina pudesse ir ao baile. A única recomendação era que Cinderela saísse do baile antes da meia-noite, sendo toda a magia seria desfeito ali mesmo, diante dos olhos de todos. Cinderela chegou à festa como uma princesa. Estava tão bonita que não foi reconhecida por ninguém. O príncipe, logo que a viu, apaixonou-se e a convidou para dançar. Eles dançaram a noite inteira. Quando Cinderela ouviu soar a primeira badalada da meia-noite, saiu correndo pela escadaria do castelo e deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado. Poucos dias depois, o filho do rei anunciou que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens experimentaram o sapatinho em todas as moças do reino, começando pelas princesas e duquesas. Tentaram também nas duas irmãs, mas tudo foi em vão até experimentarem-no, contra a vontade da madrasta, em Cinderela, que o calçou com perfeição e, dessa forma, casou-se com o príncipe.

BRUNO, 1911. 100. 100. 100. 100.

Cinderela

"Poucos dias depois, o filho do rei mandou anunciar ao som de trompas que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens foram experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas, e na corte inteira, mas em vão. Levaram-no às duas irmãs, que não mediram esforços para enfiarem seus pés nele, mas sem sucesso. Cinderela, que as observava, reconheceu seu sapatinho e disse, sorrindo: "Deixem-me ver se fica bom em mim." As irmãs começaram a rir e a caçoar dela. Mas o fidalgo que fazia a prova do chinelo olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que a pedida era justa e que ele tinha ordem de experimentá-lo em todas as moças.

Fezu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera. O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o colocou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas."

ILUSTRAÇÃO: MARILYN LEE FOR BIRD

Pele de Asno

PELE DE ASNO conta história de um rei, uma rainha e uma princesa que vivem felizes no reino, até que o monarca fica viúvo. Por causa da promessa feita à rainha em seu leito de morte de só se casar com uma mulher mais bela, mais perfeita e mais sábia que ela, o monarca, por não encontrar pretendentes que se enquadrem nessa condição, acaba colocando em desgraça a própria filha, ao decidir se casar com ela. Depois de várias tentativas de fazer com que o rei desista desse casamento, todas elas com a ajuda da fada madrinha, a princesa foge do palácio escondida debaixo da pele de um asno e acaba se casando com um belo príncipe.

ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ DE SOUZA

EDITORA DE LIVROS E CULTURA
TRADUÇÃO DE JOSÉ DE SOUZA
1998, 2003, 2008, 2012, 2015, 2018

 Era uma vez... Charles Perrault



ILUSTRAÇÃO: ERIK NEERSEN

"A infanta, por esses presentes ainda mais confundida, já não sabia o que responder ao rei seu pai. Mas depressa a madrinha a tomou pela mão: "Não hesite," disse-lhe ao pé do ouvido, "você está no bom caminho. Afinal, não são assim tão grandes prodígios todos esses presentes recebidos. Veja, o rei tem aquele anão que você sabe, não pára de lhe encher as burras de escudados de ouro. Peça a ele a pele desse raro animal. Sendo ela a fonte de sua fortuna, ou muito me engano, ou isso você não terá."

Aquela fada era muito sábia, mas ainda não aprendera que o amor amobinado ignora ouro e prata quando quer ser saciado. A pele foi pronta e galantemente concedida, mal a infanta a pediu. Quando recebeu a pele, a menina ficou atemorizada e quisou-se amargamente de sua sorte. Sua madrinha apareceu e ponderou: "Quando fazemos o bem", disse, "nunca devemos temer." A princesa deveria dar o entender ao rei que estava disposta àquilo casamento. Ao mesmo tempo, porém, aczinha e bem disfarçada, deveria partir para alguma província distante para evitar um mal tão próximo e tão certo.

"Eis aqui", continuou a madrinha, "um grande baú. Nêle poremos todos os seus vestidos, seu espelho, artigos de toalete, seus diamantes e rubis. Dou-lhe ainda minha varinha. Se a segurar na mão, o baú a seguirá por onde você for, escondida embaixo da terra. E quando quiser abri-lo, tem apenas de tocar a terra com a varinha. No mesmo instante ele surgirá diante dos seus olhos. Para se tornar inreconhecível, a pele do anão será um disfarce perfeito. É tão medonha que ninguém pensará que encerra nada de belo."

Barba Azul

BARBA AZUL conta a história de um rico aristocrata, assustador por ser muito feio, com uma horrível barba azul. Ele já havia se casado várias vezes mas ninguém sabia o que tinha acontecido com as esposas, que desapareceram. Pouco tempo depois de se casar com a filha caçula de uma dama nobre que vivia nas suas vizinhanças, Barba Azul informou à jovem esposa que faria uma viagem de negócios e, entregando a ela uma penca de chaves, disse-lhe que, em sua ausência, ela poderia usufruir de todos os espaços e objetos da casa, si não poderia entrar num determinado quarto. Logo que ele se ausentou, a mulher começou a sofrer de grande curiosidade sobre o quarto proibido e abriu sua porta. Ao satisfazer assim sua curiosidade, ela descobriu o macabro segredo do marido: o chão do quarto estava todo manchado de sangue, e os corpos das esposas do Barba Azul estavam pendurados na parede. Apavorada, ela trancou o quarto mas não viu que o sangue havia sujado a chave. Ela tentou inúmeras vezes limpar a chave, mas o sangue não saía porque a chave era encantada. Quando Barba Azul voltou de viagem e percebeu que a esposa o havia desobedecido, tentou matá-la, mas ela foi salva por seus irmãos, que deram fim à vida do violento aristocrata.



ILUSTRAÇÃO: [nome não legível]



"As convidadas não paravam de exagerar e invejar a felicidade da amiga. Esta, no entanto, não estava se divertindo nada em ver toda aquela luxa, pois estava ansiosíssima para abrir o gabinete do tirão. Estava tão atormentada por sua curiosidade que, sem lembrar que era grosseira abandonar suas amigas, desceu por uma escadinha secreta, e tão depressa que por duas ou três vezes achou que fosse cair. Ao chegar à porta do gabinete, parou por um momento, pensando na proibição do marido e considerando que podia lhe ocorrer uma desgraça caso desobedecesse. Mas a tentação era grande demais. Não pôde resistir a ela e, tremendo, pegou a chavezinha e abriu a porta.

De início não conseguiu ver coisa alguma, pois as janelas estavam fechadas. Após alguns instantes, começou a perceber que o assoalho estava todo coberto de sangue coagulado, e que naquele sangue se refletiam os cadáveres de várias mulheres mortas e penduradas ao longo das paredes [eram todas as mulheres que Barba Azul desposara e degolara, uma depois da outra].

Pensou que ia morrer de pavor e, ao puxar a chave da fechadura, ela caiu da sua mão. Depois de respirar fundo, apanhou a chave, trançou a porta e subiu ao seu quarto para recobrar a calma. Mas seus nervos estavam em frangalhos, não conseguiu se tranquilizar. Notando que a chave do gabinete estava manchada de sangue, esfregou-a duas ou três vezes, mas o sangue não saía. Tentou lavá-la e esfregá-la com areia e sabão também. Mas o sangue não saía, pois a chave era encantado e não havia meio de remover aquela mancha. Quando se conseguia limpar o sangue de um lado da chave, ele reaparecia no outro."

Riquet, o topetudo

)

RIQUET, O TOPETUDO conta a história do acordo entre um príncipe muito feio mas extremamente inteligente e uma princesa lindíssima mas exageradamente burra: ao se casarem, o príncipe daria o dom da inteligência para a princesa e ela o ofereceria a beleza.



9788530630419

Disponível em: www.editora.com.br
ou www.editora.com.br ou www.editora.com.br
ou www.editora.com.br ou www.editora.com.br

Era uma vez... Charles Perrault

Riquet, o topetudo



Um dia em que se embrenhara num bosque para charar em segredo suas mágoas, ela viu aproximar-se um homenzinho muito desgraçado mas esplendidamente vestido. Era o jovem príncipe Riquet, o Topetudo, que, tendo-se apaixonado por ela ao ver o seu retrato, que podia ser visto em toda parte, havia deixado o reino de seu pai para ter o prazer de vê-la e falar com ela. Encantado por encontrá-la ali sozinha, ele se dirigiu a ela com todo o respeito e toda a delicadeza possíveis. Tendo notado, após fazer-lhes os cumprimentos habituais, que ela estava muito triste, ele falou:

“ Não posso compreender, senhorita, como uma pessoa tão bela assim possa estar tão triste. Embora eu possa me gabar de já ter visto uma infinidade de moças lindas, jamais vi uma beleza que se compare com a sua.”

“ Isso é bondade sua, senhor”, respondeu a princesa, e logo se calou.

“ A beleza”, continuou Riquet, o Topetudo, “é tão valiosa que se sobrepõe a tudo mais. E quando alguém a possui, como é o seu caso, não existe nada

que a possa afligir muito.”

“ Eu preferia mil vezes”, disse a princesa, “ser feio como o senhor e ser inteligente, do que possuir a beleza que possui e ser tão burro quanto sou.”

“ Não existe nada, senhorita”, falou o príncipe, “que morque especialmente a pessoa que possui inteligência, a não ser o fato de que ela própria ache que não tem inteligência nenhuma. Faz parte da natureza dessa dor que, quanto mais a pessoa a tem, menos acredita que a possui.”

“ Não sei nada disso”, retrucou a princesa. “O que sei é que sou muito burra, e é isso que me mata de desgosto.”

“ Se a questão que a aflige é só essa, senhorita, posso facilmente por um fim a sua tristeza.”

“ De que maneira?”, indagou a princesa.

“ Eu tenho o poder, senhorita”, respondeu Riquet, o Topetudo, “de conceder toda a inteligência possível à pessoa a quem eu mais amar. E como a senhorita é essa pessoa, fica inteiramente à sua escolha ter toda a inteligência que quiser, contanto que concorde em se casar comigo.”

O Gato de Botas

O GATO DE BOTAS conta a história de um moleiro que, na hora de sua morte, resolve repartir entre as três filhas os três únicos bens que possuía: um moineho, um burro e um gato. O filho mais moço, que recebeu o gato, ficou muito descontente, mas o gato, que era muito astuto, demonstrou que um amigo leal e esperto vale mais que riquezas. Através de várias artimanhas, o gato, que do amo só exigiu um par de botas, fez com que o filho do moleiro se tornasse senhor de muitas propriedades e se casasse com a princesa do reino.



ILUSTRAÇÃO: ANAÍSE BRUNO

O Gato de Botas



© 2004, L&L Press



* Finalmente Mestre Gato chegou à um belo castelo que pertencia a um agra, o mais rico que jamais se viu, pois todas as terras por onde o rei passara eram parte de seu domínio. O gato, que tivera o cuidado de se informar sobre quem era esse agra e do que era capaz, pediu uma audiência, alegando que não quisera passar tão perto de um castelo sem ter a honra de prestar suas homenagens ao castelão.

O agra o recebeu com a cortesia de que um agra é capaz e o convidou a sentar.

"Garantiram-me", disse o gato, "que você tem o dom de se transformar em todo tipo de animal, que é capaz, por exemplo, de se transformar num leão ou num elefante."

"É verdade", respondeu o agra bruscamente. "Para lhe dar uma mostra, vou me transformar num leão."

O gato ficou tão apavorado de ver um leão diante de si que num instante estava nas coxas do telhado, não sem dificuldade e perigo, por causa das botas, que não eram grande coisa para se caminhar sobre telhas.

Alguns tempo depois, tendo visto que o agra voltara à sua primeira forma, o gato desceu e confessou que ficara atemorizado.

"Garantiram-me ainda", disse o gato, "mas não pude acreditar, que você também tem o poder de tomar a forma dos animais mais pequeninos, que pode se transformar, por exemplo, num rato, num camundongo. Confesso que isso me parece totalmente impossível."

"Impossível?" replicou o agra. "Veja só." E no mesmo instante se transformou num camundongo que se pôs a correr pela assoalho. Quando viu isso, o gato se jogou em cima dele e o comeu."

O Pequeno Polegar

O PEQUENO POLEGAR conta a história de um casal de lenhadores que tinha sete filhos, mas não possuía recursos para alimentá-los. Um dia, o casal resolveu abandonar os filhos à própria sorte na floresta para não ter que vê-los morrer de fome. Apesar de muito pequeno e quieto, o caçula, chamado de Pequeno Polegar, era muito esperto e observador e conseguiu, na noite escura da selva, guiar os irmãos até uma casa que vivia de cima de uma árvore. Para o azar dos sete irmãos, o dono da casa era um agra malhado que adorava comer crianças. O Pequeno Polegar, percebendo a intenção do agra de devorá-los, durante

a noite trocou os touquiños de dormir de seus irmãos pelos coroaos das sete filhas do gigante, que dormiam no mesmo quarto que os meninos. Quando entra no quarto durante a madrugada para matar os meninos, o agra corta o pescoço das próprias filhas ao tocar suas cabeças e apalpar os touquiños de dormir. Aproveitando-se de que o agra volta a dormir, O Pequeno Polegar rouba os botas de sete léguas do gigante e foge levando consigo os irmãos. Com o auxílio dos botas encantados, Polegar trabalhou para um rei, conseguiu muito dinheiro e pode finalmente voltar para sua casa e nunca mais passaram fome.

BRUNO MAGLIANO (1911)



REPRODUÇÃO DE UM LIVRO DE CHARLES PERRAULT
COMO APARECE NA VERSÃO ORIGINAL DO LIVRO
EM PORTUGUÊS DE 1857, COM O TÍTULO DE "O PEQUENO POLEGAR"

Fra uma vez... Charles Perrault

O Pequeno Polegar

O Pequeno Polegar, que havia notado que as filhas do agrô tinham coroas de ouro na cabeça, e que temia que o agrô se arrependesse de não as ter degolado naquela noite mesmo, se levantou no meio da noite e, pegando os gorros de seus irmãos e o seu, foi de mansinho enfiá-los na cabeça das sete filhas do agrô, depois de ter tirado as coroas de ouro da cabeça delas e tê-las posto na cabeça de seus irmãos e na sua. Queria que o agrô as tomasse pelas suas filhas, e suas filhas pelas meninas que queria degolar. A coisa funcionou como ele havia pensado. Pois o agrô, acordando à meia-noite, arrependeu-se de ter deixado para o dia seguinte o que teria podido fazer na véspera. Assim, saiu da cama de um estalo, e pegando seu facão:

"Vejamos", disse ele, "como estão passando nesses malandrinhos. Não vamos hesitar de novo!"

Subiu então às apalpadelas até o quarto das filhas e se aproximou da cama onde estavam as meninas. Estavam todos adormecidos, com exceção do Pequeno Polegar, que ficou paralisado de medo quando sentiu a mão do

agrô apalmando sua cabeça, como apalparam o de todas as seus irmãos. Tateando as coroas de ouro, o agrô disse:

"Céus, quase faço uma desgraça. Não há dúvida de que bebi demais ontem à noite."

Em seguida foi até a cama das filhas, onde apalpou os gorritos dos meninos:

"Ah! Aqui estão eles, os marotos. Não vamos pensar duas vezes."

Dizendo estas palavras, cortou sem vacilar a pescada das sete filhas. Muito satisfeito, voltou a se deitar ao lado da mulher.

Assim que ouviu o agrô rancor, o Pequeno Polegar acordou os irmãos e mandou que se vestissem rapidamente e o seguissem. Desceram pé ante pé até o jardim e pularam a muralha. Correram quase o noite toda, sempre tremendo e sem saber para onde iam."

ILUSTRAÇÃO DE HELENE DEBIE



EDITORA LITÉRARIA CONTEMPORÂNEA
COM O PATROCÍNIO DE ALEXANDRE DE GUZMÁN
E O PATROCÍNIO DE ALEXANDRE DE GUZMÁN

Fra uma vez... Charles Perrault

A Bela Adormecida do Bosque



A BELA ADORMECIDA DO BOSQUE conta a história de uma princesa que, ainda bebê, foi amaldiçoada por uma velha fada que não foi convidada para o banquete de batizado da criança. O feitiço dizia que ao completar 15 anos, a princesa espetaria o dedo em um fuso de fiar e morreria. Imediatamente, uma outra fada minimizou o feitiço da fada velha: em vez de morrer, a princesa dormiria por cem anos, até que um príncipe a beijasse e a acordasse. Como determinado, a princesa espetou o dedo num fuso e dormiu por cem anos, até que um belo príncipe a despertou com um beijo. Eles se casaram, tiveram dois filhos e foram morar no castelo do príncipe, cuja mãe era uma agressa. Num período em que o príncipe, já coroado rei, estava fora do castelo numa batalha, a rainha-mãe levou a Bela Adormecida e seus dois filhos, Aurora e Dia, para uma casa de campo e deu ordem para que a mordomo matasse as crianças para ela comer. O mordomo enganou a rainha-mãe e salvou a vida das crianças. Mas um dia, ao passear pelos jardins, a rainha-mãe descobriu que fora enganada e resolveu castigar a todos, jogando-os numa tina cheia de sapatos, cobras e lagartos. No exato momento em que a agressa ia empurrar a Bela Adormecida, as duas crianças e o mordomo para dentro da tina, o rei voltou, inesperadamente, da batalha e salvou a vida de todos. Desesperada, a rainha-mãe pulou dentro da tina e morreu.

ALBERTO DEL PUERTO/ARTE DE TONALIA E
CASA EDITORIAL

A Bela Adormecida do Bosque

"Mas uma tarde, quando a rainha-mãe caminhava pelos jardins e quintais do castelo, como costumava fazer, para escolher algum animal cuja carne fresca pudesse comer, ouviu que de dentro de uma sala baixa vinha a voz do pequeno Dia, chorando porque a mãe queria bater nele, que se comportara mal. E ouviu também a pequena Aurora, pedindo perdão para o irmão. A ogressa reconheceu a voz da rainha e dos filhos e, furiosa por ter sido enganada, deu ordens com uma voz aterrorizante, que fez todo mundo tremer. Mandou que no dia seguinte de manhã trouxessem um tonel imenso para o meio do pátio, cheio de sapas, víboras, cobras e serpentes, para que lá dentro fossem jogados a rainha e seus filhos, o chefe dos mordomos, sua mulher e sua criada. Deu ordens para que todos fossem lançados lá dentro com as mãos amarradas atrás das costas.

E assim, na hora marcada, lá estavam eles. Os carrascos se preparavam para jogar todos dentro do tonel quando o rei, que não era esperado lá cedo, entrou a cavalo no pátio. A guerra tinha acabado e ele tinha vindo a galope, sem parar nem para descansar, mudando de cavalos pelo caminho. Espantadíssimo, perguntou:

...O que quer dizer este horrível espetáculo?

Ninguém ousou responder e explicar.

Mas a ogressa, furiosa com essa volta inesperada, pulou de cabeça dentro do tonel e foi instantaneamente devorada pelos bichos venenosos que ela mesma mandara colocar lá dentro. O rei ficou um pouco triste, afinal, era a mãe dele. Mas num instante se consolou com a mulher e os filhos."

ILUSTRAÇÃO: FÁBIO VIANEIRA





Reproducción autorizada por el
 Ministerio de Educación y Ciencia
 de España.